ARTIGO DE PESQUISA

Os Ratos e *Vidas Secas*: concepções de casa e lar, espaço e lugar

The Day of Rats and Barren Lives: conceptions of house and home, space and place

El Dia de Las Ratas y Vidas Secas: conceptos de casa y lar, espacio y lugar

DIEGO DA CRUZ

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3916-8970

Recebido em: 19/11/2024.
Aprovado em: 10/08/2026.
Editora responsável: Grace Bungenstab Alves

Como citar (ABNT)
DA CRUZ, Diego. Os Ratos e Vidas Secas: concepções de casa e lar, espaço e lugar. Revista da ANPEGE, [S. l.], v. 22, n. 48, e19266, 2026. DOI: 10.5418/ra2026.v22i48.19266. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/19266. Acesso em: XX mês abreviado 20XX.

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY – permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

A Revista da ANPEGE não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que atendem as políticas editoriais e que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

RESUMO: Neste artigo *Os Ratos* (2022) de Dyonélio Machado e *Vidas Secas* (2019) de Graciliano Ramos são analisados comparativamente a partir do conceito de lugar e horizonte de alcance. Não é inovador abordar duas obras clássicas da literatura brasileira sob uma perspectiva topológica. Entretanto, a conceituação geográfica de Buttimer é relativamente nova e abre novos espectros de leitura para estas obras, as quais, inclusive, pouco foram pareadas nos estudos literários. Deste modo analisa-se aqui qual a centralidade destes personagens e qual o seu horizonte de alcance, isso permite cristalizar o quanto as urbes são lugares ou apenas espaços para eles, tal qual se suas famílias compõem lares ou apenas casas, o que significa dizer o quanto as cidades, a periferia e o sertão os forma. Então, este artigo complementa, e atualiza, a concepção da formação dos personagens destas obras em relação aos seus territórios.

Palavras-chave: Os Ratos; Vidas Secas; Espaço; Lugar; Horizontes de alcance.

ABSTRACT: This article comparatively analyzes Dyonélio Machado's *Os Ratos* (2022) (“The Day of Rats”) and Graciliano Ramos's *Vidas Secas* (2019) (“Barren Lives”) using the concepts of place and horizons of reach (Buttimer, 2015). Approaching two classic works of Brazilian literature from a topological perspective is not innovative. However, Buttimer's geographical conceptualization is relatively new and, by the way, opens new spectrums for reading these works, which have been paired a little in literary studies. Thus, this analysis examines the centrality of these characters and their horizons of reach, allowing us to crystallize how much urban areas are places or merely spaces for them, as well as whether their families constitute homes or simply houses, meaning how much the cities, the suburbs, and the backcountry shape them. Therefore, this article complements and updates the concept of the formation of the characters in these works in relation to their territories.

Keywords: The Day of Rats; Barren Lives; Space; Place; Horizons of reach.

RESUMEN: Este artículo analiza comparativamente *Os Ratos* (2022) ("El Dia de Las Ratas") de Dyonélio Machado y *Vidas Secas* (2019) de Graciliano Ramos utilizando los conceptos de lugar y horizonte de alcance (Buttimer, 2015). Abordar dos obras clásicas de la literatura brasileña desde una perspectiva topológica no es innovador. Sin embargo, la conceptualización geográfica de Buttimer es relativamente nueva y abre nuevos espectros para la lectura de estas obras, que han sido poco comparadas en los estudios literarios. Así, este análisis examina la centralidad de estos personajes y su horizonte de alcance, permitiéndonos cristalizar en qué medida las áreas urbanas son lugares o simplemente espacios para ellos, así como si sus familias constituyen hogares o simplemente casas, es decir, en qué medida las ciudades, la periferia y el campo los moldean. Por lo tanto, este artículo complementa y actualiza el concepto de la formación de los personajes en estas obras en relación con sus territorios.

Palabras clave: El Dia de Las Ratas; Vidas Secas; Espacio; Local; Horizontes de alcance.

Introdução

Se pensarmos que nas cidades os apartamentos mais caros costumam ser as coberturas (os *rooftops*), diríamos que é em cima o lugar dos mais ricos, e a expressão "os de baixo" talvez seja pertinente para marcar o lugar social dos mais pobres. Entretanto, essa colocação não se sustenta se pensarmos que as favelas, lugar dos mais pobres, expandem-se morro acima, e que as orlas das praias e os asfaltos, lá embaixo, tendem a aglomerar o dinheiro nas cidades litorâneas brasileiras. O fato é que há uma verticalidade nas nossas formas de compreensão das dinâmicas sociais, tanto é que comunicamos a partir de expressões como "crescer na vida", e "ascender socialmente" para representar sucesso, e expressões como "decair", "o fundo do poço", etc. para representar o fracasso. Trata-se de metáforas a partir da verticalidade para posicionar os sujeitos conforme os valores de determinada sociedade. Talvez estas metáforas digam muito sobre uma percepção comum do crescimento vertical das cidades, especialmente nos seus centros e espaços de riqueza, onde o sujeito mais sofisticado é aquele que "alcançou" aquele lugar lá em cima. Todavia, para cada edifício que sobe no centro há dezenas de casas que são construídas na periferia, ou seja, é certo que a cidade cresce verticalmente, mas seu principal movimento de expansão é horizontal, ao longo do território.

Talvez seja mais científico, menos metafórico, pensarmos as dinâmicas sociais horizontalmente. Afinal, no mundo fora das figuras da linguagem, apesar de pobres e ricos ocuparem salas e elevadores diferentes, de maneira geral eles convivem, precisam conviver, e o que de fato marca a pobreza e a riqueza são distâncias horizontais e não exatamente alturas. Os preços dos produtos diminuem quanto mais distante eles estiverem do centro da cidade, tal qual o valor dos imóveis depende da sua posição no horizonte da cidade, e o valor da remuneração pelo trabalho também depende do espaço em que este trabalho acontece.

Técnicamente, trata-se de assumir que "todos os empregos na cidade ocorrem dentro de um distrito central de negócios (CBD). Os padrões de crescimento urbano são determinados pelo *trade-off* entre habitação acessível longe do distrito central de negócios e os custos de deslocamento associados" (Silva; Esteves; Silva, 2024, p. 7), ou seja, quanto mais próximo o pedaço de terra estiver deste CBD mais alto será o seu valor, deste modo mais alto será o valor da moradia neste espaço. O que acarreta "unidades menos altas, mais espaçosas e quintais maiores à medida que se afasta do centro" (Silva; Esteves; Silva, 2024, p. 7). Portanto, para que a cidade se verticalize mais do que se horizontalize deve haver um aumento na renda da população e os custos de transporte/tempo desta periferia ao centro devem ser baixos, de modo que valha a pena habitar mais longe deste centro e se locomover até ele diariamente. Porém, esta lógica se aplica exclusivamente a cidades consideradas monocêntricas, e "essa versão básica do modelo de cidade monocêntrica fica aquém de explicar o desenvolvimento disperso visto em algumas cidades, quando algumas parcelas de terra são deixadas subdesenvolvidas enquanto outras, mais distantes, estão sendo desenvolvidas." (Silva; Esteves; Silva, 2024, p. 8), depreende-se então que há também uma valorização do espaço territorial para além deste centro, sobretudo no que diz respeito ao valor da atividade agrícola e o surgimento de novos centros residenciais.

Ou seja, o vetor que mede a pobreza e a riqueza é horizontal e complexo, em geral tem como ponto de referência a centralidade urbana e os valores que ele vai constituindo não se referem apenas à distância deste centro,

mas também a qual direção ele aponta, além disso, se este vetor extrapola os limites do perímetro urbano, está além da periferia, que é já o espaço rural, a lógica do seu cálculo de pobreza e riqueza já se torna outro.

Em outros termos, pode se dizer que há uma enunciação sobre o crescimento das cidades que se baseia na verticalidade. Esta enunciação se verifica na realidade na visão dos prédios que sobem, mas é uma verificação apenas parcial, porque a maior parte da cidade cresce horizontalmente, nas periferias, por isso que se trata de uma enunciação figurativa, parte metafórica e parte metonímica, porque o crescimento real tem certa semelhança com o que é dito, e ela toma parte pelo todo. O mais importante é que o enunciado é diferente da enunciação, as periferias se alargam mais ampla e rapidamente do que os discursivos arranha-céus.

Introduzo este texto dessa maneira, principalmente, para ilustrar como precisamos da linguagem por meio das suas figuras, mas também da matemática nos seus cálculos de distâncias, angulação das direções, formações das geometrias e aritméticas para analisar espaços. Porém, estas análises só encontram razão de ser se considerarmos os sujeitos vivendo nestes espaços. Os espaços vazios algumas vezes podem ser matéria filosófica, mas são as movimentações das materialidades que certos espaços comportam que compõem este trabalho e lhe dão relevância. Inevitavelmente, então, tratar-se-á de cultura, das relações humanas de certo espaço. Mais especificamente, este trabalho versará sobre o espaço ficcional, exclusivamente das obras *Os Ratos* (2022) de Dyonelio Machado, publicado pela primeira vez em 1935, e *Vidas Secas*(2019)de Graciliano Ramos, publicado primeiro em 1938. De fato, os espaços destas obras não são ficcionais, trata-se de Porto Alegre e o sertão nordestino, mas suas tramas são literárias. Não que a literatura seja matéria de menor coerência do que a realidade, ao contrário, enquanto enredo engendrado a partir de uma mente autora racional, muitas vezes a literatura pode ser matéria mais cristalina para observações teóricas do que a própria realidade que está, em geral, organizada irracionalmente.

O fio condutor da análise proposta serão os conceitos de lugar e horizonte de alcance, conforme propostos por Anne Buttimer (2015) em *Lar, Horizontes de Alcance e o Sentido de Lugar*. Embora estes conceitos já possuam fortuna crítica consolidada, foi selecionado o texto desta autora por tratar-se de um texto que possui de forma latente concepções tradicionais da geografia (por exemplo, aqui será citado um trecho do artigo onde a autora faz referências a Bachelard), mas além disso este texto atualiza e revitaliza tais conceitos, o que por si só justifica a relevância da sua publicação e recepção dentro dos estudos geográficos. Dada a sua relevância científica, este texto abre novas possibilidades de leitura do espaço de obras literárias já amplamente analisadas, como é o caso das obras aqui trabalhadas, as quais, além de agora poderem ser relidas a partir das proposições de Buttimer, pouco foram pareadas nos estudos literários.

2 Desenvolvimento

O foco deste trabalho é literário, mas é também geográfico. Deve-se procurar aqui uma análise dos personagens dos romances em questão, mas a partir de uma visão do seu envolvimento com seus espaços. Essa argumentação talvez enseje um eco de uma das primeiras descrições de Marco Polo, em Cidades Invisíveis (1990), onde o diplomata explorador argumenta que não há sentido descrever as cidades se dessas descrições não resultarem entendimentos das vidas das pessoas:

> Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaira dos altos bastides. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos

> pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoa a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a historia da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe (Calvino, 1990, p. 7).

A obra de Calvino é, entre outros, uma celebração das possibilidades das cidades, as quais não encontram razão de ser sem as suas populações. Além de que, tal qual o locutor precisa de um interlocutor ao discurso que cria, Polo precisa que Kublai ouça as suas miríades, as cidades precisam ser observadas enquanto criações, sobretudo, criações de homens voláteis, inconsistentes, impermanentes e dúbios. Daí que as cidades são plataformas do Homem e para o Homem, e falar delas é falar de nós, de tal modo que não há sentido observar o homem e os seus lugares separadamente.

O foco do presente texto atrela os espaços das narrativas aos seus personagens: em *Os Ratos* Naziazeno é lido a partir de Porto Alegre, e em *Vidas Secas* Fabiano e sua família são lidos a partir do sertão. As topologias destas obras compõem os seus personagens e delineiam os seus conflitos, isso está posto no primeiro plano, e por se tratar de dois clássicos nacionais já há vasta bibliografia teórica a iluminar estes seus aspectos, porém, de formas isoladas. Por tal, é o pareamento entre elas que é inovador, o que aqui se propõe deve acusar relações de representação estéticas do mesmo momento brasileiro (começo do século XX) a partir de suas diferentes geografias, possivelmente opostas: a urbes gaúcha e o sertão nordestino. E se nos resultados estiverem concepções que conjecturem os dois enredos, serão resultados válidos ao pensamento humanístico, histórico e social da nossa cultura.

De partida é necessário que se conceitue a diferença entre espaço e lugar: espaço é um conceito instrumental, empírico, comumente abordado pelas ciências exatas para determinar, entre outros, a densidade demográfica (número de habitantes por metro quadrado) de certa região e seus valores imobiliários; enquanto lugar diz respeito ao espaço onde há relações humanas. Em outras palavras, se visto de uma perspectiva especificamente econômica, ou geográfica, trata-se conceitualmente de um espaço, mas ao dinamizar-se essa perspectiva considerando-se as relações humanas, trata-se então de lugar. A diferença entre lugar e espaço é conceitual, ou seja, apreende-se a partir de certa perspectiva e de tratamento de linguagem.

> A linguagem usada para descrever as perspectivas dos residentes sobre o lugar é ainda, em geral, a linguagem de um mundo newtoniano – pessoas, atividades, e coisas contidas dentro do lugar – ao passo que a linguagem usada para planejar os horizontes econômico e tecnológico do lugar tem sido profundamente influenciada pelas concepções einsteinianas do espaço, tempo e processo topológicos (Buttimer, 2015, p. 8).

No extremo, é disso que se trata as dinâmicas sociais e econômicas**:** os processos das relações humanas dentro de certo espaço. Se a abordagem do tema for econômica a linguagem molda-se acerca da concepção de espaço, enquanto numa abordagem social trata-se de lugares.
A autora ainda afirma que parece que:

> a sensação das pessoas tanto com relação à identidade cultural quanto pessoal está intimamente ligada com a identidade de lugar. A perda do lar ou a "perda de seu lugar" frequentemente podem acionar uma crise de identidade. Em seu "A Poética do Espaço", o filósofo do século vinte Bachelard (1958) assevera que a relação entre lugar e personalidade é tão íntima que para entender a si mesmo a topoanálise – a exploração da autoidentidade por meio do lugar – pode produzir discernimentos mais frutíferos do que a psicanálise. Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação (Buttimer, 2015, p. 8).

Ou seja, traduz-se como "lugar" a área em que um indivíduo está inserido e na qual o indivíduo se reconhece e se desenvolve. Enquanto o "espaço" é a área a partir de uma perspectiva empírica, ao qual os sujeitos são relacionados de forma científica e estatística (como no caso dos cálculos da densidade demográfica de determinada região), o conceito de lugar diz respeito à atividade humana, a área onde o tempo acontece, então lugar é a área em que o sujeito vive e constrói a sua singularidade.

Além disso, vale notar que a discussão em torno de espaços e lugares é, de certo modo, também uma discussão a respeito das acepções de cultura: a cultura como espaço em que se cultiva, e sua correlata Cultura como lugar das manifestações do Homem. No segundo capítulo de seu livro *A idéia de cultura* Terry Eagleton define um tipo de cultura menos especializada, do mundo da prática, a ser escrita com "c" (minúsculo), e um tipo de Cultura a ser escrita com "C" (maiúsculo) referente ao pensamento mais especializado:

> A verdade é que a cultura no seu sentido mais clássico não devia apenas ser não política — na realidade, fora estabelecida como a própria antítese da política. [...] Cultura no sentido mais especializado, frágil criatura como é, está muito menos robustamente equipada pra desempenhar estas funções (Eagleton, 2011, p. 68).

Segundo o autor, embora a cultura na sua acepção subjetiva (com "C" maiúsculo) seja aquela mais voltada à política, é a cultura na sua acepção voltada ao trabalho (com "c" minúsculo) que teria mais subterfúgios para desempenhar tal função. Trata-se de duas perspectivas do mesmo fenômeno: a relação do homem com o seu espaço e o processo de transformação deste espaço em lugar. Atualmente poderia se pensar a tomada das pautas políticas pelos discursos identitários ou morais e o seu consequente distanciamento do mundo do trabalho cotidiano como uma manutenção da política no campo da Cultura em detrimento dela no campo da cultura.

Quando falamos dos "de cima" ou "de baixo" é de pobres e ricos que estamos falando, não apenas de espaços, mas principalmente de pessoas e, portanto, de lugares, assim como quando falamos de centro, periferia ou urbes, mundo rural, primeiro mundo, terceiro mundo, norte global, sul global etc. são de práticas sociais cotidianas, culturais, que se tratam essas expressões, ou ainda, trata-se de "gêneros de vida"[1]. Portanto, o conceito de lugar é uma questão de perspectivas, o que é interpretado, representado e simbolizado sobre a vida em um determinado espaço. Assim sendo, pode-se afirmar que um espaço pode converter-se em lugar, tal qual um lugar pode deixar de sê-lo e voltar a ser apenas um espaço, neste último caso se houver um esvaziamento de sentidos para os que ali habitam. Ou seja, de uma perspectiva individual, é o sujeito que compõe os seus lugares. Emblemático desta

[1] Essa expressão diz respeito à teoria de Vidal de La Blache (1845 – 1918), que é assim definida por Max Sorre (1984): "pode-se dizer que a expressão [gênero de vida] designa o conjunto mais ou menos de atividades espirituais e materiais consolidadas pela tradição, graças as quais um grupo humano assegura sua permanência em determinado meio" (SORRE, 1984, p.90).

argumentação, e como referência inicial do que se desenvolverá neste trabalho, é a obra *Eles eram muitos cavalos* (2000), de Luiz Ruffato, a qual é justamente uma estetização da regressão da cidade de São Paulo de lugar para espaço, trata-se de uma manifestação da perda dos sentidos comuns da cidade, ao ponto de os cidadãos não mais reconhecerem-se uns nos outros e confundirem os próprios sentidos de si. O isolamento na coletividade, a descontinuação da comunicação e o pensamento fragmentário, nesta obra, são marcas do que é a cidade de São Paulo no fim do século XX e início do XXI. Ruffato parece estetizar o esvaziamento de humanidade de São Paulo enquanto aumenta a sua população, como percebe-se no seguinte trecho da obra, um dos seus trechos finais:

> { - Mulher… ô mulher…
> - Ahn? - Você ouviu?
> - Ahn?
> - Ouviu?
> - O quê?
> - Shshshiuuu…
> - Ahn?
> - Ouviu? (Pausa)
> - Parece… parece que tem alguém gemendo…
> - É… - Santo deus!
> - Shshshiuuu… Fala baixo!
> - Não vamos ajudar?
> - Ficou doida?
> - Mas… tá aqui… bem na porta…
> - Fica quieta! - Ai, meu deus! (Pausa)
> - Deve ter sido facada… pelo jeito…
> - E a gente não vai fazer nada?
> - Fazer? Fazer o quê, mulher?
> - Fica quieta… E se tem alguém lá fora?, de tocaia? (Pausa)
> - Parou… - O quê?
> - Parece que parou…
> - O quê? - A gemeção… (Pausa)
> - É… Parou mesmo… Vamos lá agora?
> - Não! - Por quê?
> - Porque… porque ainda pode ter alguém lá… E aí? Melhor dormir… Vai… vira pro canto e dorme… Amanhã… amanhã a gente vê… Amanhã a gente fica sabendo… Dorme… vai…} (Ruffato, 2013 p. 148).

Esta obra inscreve-se no gênero literário da distopia, o qual pode ser dito, entre outros, como o gênero cuja ambientação é o da transformação dos lugares em espaços por determinados processos sociais, aqui percebe-se o processo do medo como sentimento dominante, possivelmente como consequência da hiper individualização que coloca o outro como inimigo em potencial.

Pode-se interpretar a afirmação de que o homem é sujeito cultural a partir da noção de que toda existência é tópica (precisa de um espaço para estar), e o tempo que o sujeito dedica a algum espaço deverá compor o seu lugar. O que significa dizer que é o processo cultural (os efeitos da ação humana ao longo do tempo em certo espaço) que determina lugares. Então, se o homem é sujeito cultural, ele tende a constituir lugares a partir de espaços: uma casa é um espaço, mas quando habitado por uma família torna-se um lar, um lugar. “Uma família faz de uma casa um lar”.

Mas o conceito de lugar não é tão diretamente análogo ao conceito de cultura, o lugar não é um espaço tão facilmente definido porque o ser humano transita, e dedica muito do seu tempo a horizontes que estão além da sua casa/lar. Então, pode-se definir lugar como o espaço central de intimidade e descanso de determinado indivíduo

mais o seu horizonte de alcance. O lugar do sujeito na maioria das vezes é sua casa mais seu bairro, sua cidade, por vezes seu país e quem sabe até espaços além das fronteiras.

> Eu sugiro que pensemos sobre lugares no contexto de dois movimentos recíprocos que podem ser observados entre a maior parte das formas vivas: como inspirar e expirar, a maioria das formas de vida precisa de um lar e horizonte de alcance orientado para fora daquele lar.[...] então a pessoa pode falar de "centramento" e admitir a hipótese de que o sentido de lugar de um indivíduo é uma função do quão bem este lugar é um centro de interesse da vida do indivíduo (Buttimer, 2015, p. 8).

Com isso, pode-se direcionar com mais aptidão para o objeto principal deste texto, os personagens Naziazeno e Fabiano. As perguntas fundamentais aqui são: o quão bem Porto Alegre é um centro de interesse da vida de Naziazeno? O quão bem a fazenda é um centro de interesse da vida da família de Fabiano? Porto Alegre e a fazenda são para Naziazeno e à família de Fabiano espaços ou lugares?

Para responder a estas perguntas, devido aos parâmetros do texto, escolheu-se dar ênfase, como recorte, aos capítulos iniciais de *Os Ratos*, porque aí julgou-se importante observar a relação de Naziazeno com o centro de Porto Alegre. Tal qual em *Vidas Secas* escolheu-se o capítulo "Festa", quando Fabiano e a família vão à cidade mais próxima de onde vivem. São dois momentos nas obras em que os personagens se deslocam, e se deslocam especialmente para lugares que são representativos de um centro de civilização urbana nas histórias, por isso parecem matéria comparável entre si. Além de que essas cidades para onde deslocam-se os personagens contribuem para o objetivo aqui colocado, amparar-se no conceito de espaço e lugar, lar e horizonte de alcance como forma de ler os personagens.

Em *Os Ratos*, Naziazeno é pai, marido e habitante da periferia de Porto Alegre. Todas as manhãs o leiteiro lhes traz o leite de forma que sua dívida cresce até um ponto crítico, quando começa a narrativa, em que o leiteiro direciona uma ameaça em caso de não receber o pagamento na manhã seguinte. Naziazeno então vai ao trabalho mais um dia, disposto a conseguir um adiantamento do seu salário com seu chefe afim de pagar a dívida com o leiteiro. Este é o problema do enredo de *Os Ratos* , já o problema de *Vidas Secas* é a dificuldade de Fabiano, sua esposa Sinhá Vitória, seus dois filhos, e Baleia, o cachorro, em tirarem os meios para a subsistência da fazenda onde vivem. Eles recém passaram por um processo grave de seca, quando começa a narrativa, e encaminham-se ciclicamente de uma certa estabilidade para uma nova seca.

Naziazeno acessa cotidianamente o centro da cidade, de forma confortável e rápida pelo bonde.

> Os melhores lugares do bonde estão ocupados. "— Apesar de tão cedo! É estranho..." Senta-se à extremidade dum dos bancos dos lados, no fundo. O bonde leva uma "outra gente". Não a que ele está acostumado a ver, às nove ou dez horas, a "sua" hora. "— Melhor, melhor." Essa falta de "conhecidos" apazigua-o. [...] O bonde continua a sua marcha, parando aqui e ali, entrando pessoas, saindo algumas, e uma dança de lugares quando uma ou outra sai. Já Naziazeno tem um companheiro de banco, à sua esquerda, porque à direita se acha um dos espaldares em que ele se apoia. À sua frente, o outro banco, igual ao seu, está se enchendo também. Um soldado, de pé, as pernas abertas, ampara-se, mais para o fundo, numa das colunas. Toda essa gente se enxerga, se observa. Alguns conversam. O bonde a esta hora sempre vai cheio. Eu me admiro de ainda haver lugar (Machado, 2022, p. 11).

Naziazeno está acostumado a ocupar os bancos do bonde, reconhece as movimentações dos outros que utilizam o transporte, e se surpreende com o que é diferente do cotidiano.

Já Fabiano e sua família parecem ter uma relação com a urbes mais próxima diametralmente oposta à de Naziazeno. Eles apenas esporadicamente vão à cidade, precisam fazer um trajeto longo, para o qual precisam estar atentos, e os códigos de conduta do lugar para onde vão (as roupas) os sufocam.

> Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calcar-se como as moças da rua - e dava topadas no caminho[...] [Fabiano] Marchava direito, a barriga para fora, as costas aprumadas, olhando a serra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cansou-o. E ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separavam da cidade. Descalçou-se, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado (Ramos, 2019, p. 35).

Portanto, o centro de Porto Alegre faz parte do horizonte de alcance de Naziazeno, está dentro do seu escopo de lugar, mas a cidade não está dentro do horizonte da família de Fabiano. O que também pode ser verificado pela relação que os personagens demonstram sobre o conhecido e desconhecido, respectivamente, quando nestas cidades.

> Atravessa a praça; não olha para os lados. Uma "decisão" anterior, mal definida e mal aceita, o conduz, todavia, para o mercado, para o café da esquina. Pouca gente, caras "novas". É que é cedo. Não contava com isso. Todos os consumidores têm um ar grave e matinal; tomam o café com leite com cara ainda estremunhada, o chapéu repousando numa cadeira, o olhar nos aspectos agradáveis da rua. [...] Sente-se outro, tem coragem, quer lutar. Longe do bonde (que é um prolongamento do bairro e da casa) não tem mais a "morrinha" daquelas ideias... Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos lutadores como ele!... Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural (Machado, 2022, p.15).

Naziazeno conhece as ruas do centro, movimenta-se dinâmico por elas, sabe aonde ir, conhece as pessoas que por ali transitam, suas expressões, seus comportamentos conforme o horário. Ele está livre de quase todos os sustos, não há estranhamento e nem medo na sua relação com o centro da cidade, ao contrário, este espaço parece-lhe renovar o ímpeto.

Enquanto Fabiano, na cidade, apresenta a reação primária humana frente ao estranho/desconhecido, que é proteger-se, sente-se ameaçado, e ao estender-se desse estranhamento ameaçador, liberado pelo álcool começa a esboçar uma reação violenta, direcionada não a alguém específico, mas um esbravejamento contra o próprio ambiente.

> Estimulado pela cachaça, fortalecia-se: - Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem. Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medo dele. Insultou-os: - Cambada de ... (Ramos, 2019, p. 43).

Ou seja, o centro da cidade está dentro do horizonte de Naziazeno, tem conexão com sua casa, o bonde que ele pega todos os dias "é um prolongamento do bairro e da casa", mas a cidade não está dentro do horizonte de Fabiano, que só a acessa após longa caminhada, ele não se sente familiar, em especial à gravata, tal qual sinhá Vitória quase não se equilibra sobre os saltos, duas práticas da forma de vida da cidade.

Estes contrastes das relações entre estes personagens com as cidades que os cercam ilustra a complexidade das formações identitárias das populações brasileiras dos anos de 1930, uma vez que em geral se entende a dinâmica das populações deste período conforme as suas relações com os espaços urbanos.

> À medida que a distância entre os lugares encolheu em função dos sistemas de transporte e comunicação, o aumento da mobilidade das pessoas, dos empregos e de exércitos continuou a

> nivelar a diferença entre lugares; foi naturalmente no contexto urbano que a questão da identidade local tornou-se politicamente articulada (Buttimer, 2015, p.6).

Nas duas obras aqui analisadas é possível perceber os processos econômicos brasileiros retardatários, que segundo Florestan Fernandes (1968) eram mal interpretados pelos "investigadores de centros mais avançados", que, segundo ele, "lidaram com os problemas de interpretação das sociedades capitalistas dependentes como se o subdesenvolvimento fosse uma contingência ou uma condição transitória" (Fernandes, 1968, p.12-13). Nestas obras de ficção aqui postas o subdesenvolvimento brasileiro é visto de forma crônica, está latente na encenação a modernização conservadora brasileira, afinal, o transporte e a comunicação alcançaram alguns, mas não outros, de modo que a mobilidade se tornou acessível apenas para uma parte da população, a outra continuou sem acesso ao urbano. E se a partir de então o conceito de identidade local era forjado nas cidades, o sertanejo torna-se uma identidade refratária. Portanto, *Os Ratos* e *Vidas Secas* compõem um contraste de o que passa a ser no Brasil o homem novo e o homem antigo, o urbano e o caipira, simultâneos em um país estabelecido no subdesenvolvimento e que se conserva quando se moderniza.

Sobre a questão se esses espaços compõem o horizonte de interesse dos personagens, se são lugares para eles, deve-se pensar se se identificam com esses espaços, quem são eles quando inseridos nestes espaços. O que no caso da família de *Vidas Secas* a resposta parece mais óbvia, eles perdem-se neste espaço, estranham a forma como as pessoas aproximam-se ali, a Baleia some, não sabem os nomes dos objetos, até o ponto catártico de Fabiano desconectar-se voluntaria e literalmente daquela realidade, isso tudo é contrastado com a cena seguinte, quando já estão na fazenda, no seu lar, raciocinando intimamente. Quanto a Naziazeno, seus espaços parecem mais complexos, por serem mais amplos, carregados de um número maior de personagens, objetos, necessidades e obrigações, e como seus espaços são desenhados mais complexos assim também é ele. Naziazeno conhece o centro de Porto Alegre de forma a estar livre de sustos, ele é familiar à dinâmica daquele espaço que está facilmente a seu alcance, mesmo assim ele é dominado pelo medo e pela insegurança, e isso se dá por dois motivos, um de caráter individual e outro de caráter coletivo.

No plano individual Naziazeno está endividado, ele deve dinheiro ao leiteiro, o qual fornece todas as manhãs o alimento da sua família, ou seja, as relações de Naziazeno são comandadas pela necessidade mais básica de manutenção da sua existência, o que implica numa noção da sua existência nos limites do que se considera o processo de humanização

> O conceito de cultura (em oposição à civilização) compreende o conjunto das atividades e dos produtos dotados de valor que são supérfluos em relação ao sustento imediato. Por exemplo, a beleza interna de uma casa pertence ao conceito de cultura; não sua solidez, nem sua calefação, etc. Se então nos perguntarmos: em que consiste a possibilidade social da cultura? Devemos responder que ela é oferecida pela sociedade na qual as necessidades primárias foram satisfeitas de tal maneira que não se requer um trabalho tão pesado que esgote por completo as forças vitais, isto é, onde existem energias disponíveis para a cultura (Lukács, 2007).

Naziazeno não tem as suas necessidades imediatas plenamente satisfeitas, o leite, alimento primário do mamífero, se esgota a cada manhã e ele não tem uma fonte desse alimento e tampouco meios sólidos de conseguir-lo**.** Todo o seu dia representa uma dedicação das suas forças vitais para conseguir o básico (de certa forma ele vive para manter-se vivo), não lhe restam energias para culturalizar a sua vida, mesmo o seu sono é invadido pela preocupação imediata com o leite. O seu tempo não lhe sobra para si, para o design ou para o subjetivo, seu filho é

visto a partir da perspectiva da saúde ou da doença, que é a vida ou a morte, e para sua esposa, pelo menos no tempo da obra, não desposa de qualquer sensualidade ou encanto, apenas da obrigação da manutenção imediata da casa. Não é o caso aqui de dizer que Naziazeno não possui cultura, mas que a extremidade da situação para manter-se vivo parece ter como uma de suas conseqüências não permitir que Naziazeno performe sua existência, no seu espaço, de forma mais humanizada do que o elementar, ou seja, Porto Alegre não chega a ser um lugar para o personagem, a cidade mantém-se como um espaço na sua perspectiva, tal qual sua casa não chega a ser um lar.

Talvez seja inadequado dizer que a casa de Naziazeno não chega a ser um lar, uma vez que lá moram uma mulher e uma criança, uma família referencial à ternura e ao afeto típicos de um lar. Entretanto, dentro da narrativa é apresentado ao leitor período específico de cerca de vinte e quatro horas na vida de Naziazeno e sua família, um momento agudo de crise, então quando se diz que sua casa não é um lar é a partir de um comprometimento com os limites da obra, já que dentro desse tempo apresentado ao leitor a crise é constante.

Se nos permitirmos pensar para além dos limites do enredo, poderíamos dizer que Naziazeno tem seu local de centramento regredido de lar a casa, ou de lugar a espaço. Antes deste dia que nos é narrado há uma crescente da sua dívida, consoante à degradação da sua tranquilidade, o que corresponde à conversão do seu lugar a um espaço, que culmina na manhã crítica que motiva a obra que nos é, então, apresentada. Como se mostrará, também é a crise aguda que abre *Vidas Secas,* esta crise que também degrada as capacidades humanas, entre outras, de revitalização dos seus topos.

No plano coletivo, Naziazeno faz parte de uma classe de trabalhadores que está alienada em relação às suas atividades, e por extensão sua vida fica arredada dos sistemas que dão significados à existência. Como afirma Milton Santos (2021), nas metrópoles, com o avanço dos processos globalizantes de produção, o homem se afasta cada vez mais dos elementos da natureza ao passo que se torna cada vez mais fragmentário e dependente das coisas que produz

> Como escreveu Winston Churchill, "primeiro construímos nossas casas; depois são elas que nos constroem". Do mesmo modo, Richta (1974, p.212) nos diz que, na civilização industrial desenvolvida pelo capitalismo, o homem libertou-se de sua dependência dos elementos naturais, mas passou a depender de suas próprias criações, das matérias que fabricou e das forças que pôs em movimento (Santos,2021, p.31).

É digno de nota aqui que Santos refere-se à aceleração do modo de produção capitalista do século XX e que *Os Ratos* foi publicado pela primeira vez em 1935, momento em que o Brasil está em conformidade com a dinâmica explicada pelo teórico. Naziazeno é justamente o homem cuja centralidade (sua casa) não está no centro da cidade, tampouco no mundo rural, onde estaria em contato direto com os elementos naturais. Ele é, portanto, comumente visto como um periférico, que precisa deslocar-se diariamente para o espaço central da urbe, onde se concentra o trabalho remunerado regular e onde se acumula o capital, ele está condicionado a exercer uma função repetitiva sem conexão com seus resultados, e por isso sem sentido, alienada.

> O trabalho de Naziazeno é monótono: consiste em copiar num grande livro cheio de "grades" certos papéis, em forma de faturas. É preciso antes submetê-los a uma conferência, ver se as operações de cálculo estão certas. São "notas" de consumo de materiais, há sempre multiplicações e adições a fazer. O serviço, porém, não exige pressa, não necessita "estar em dia". — Naziazeno "leva um atraso" de uns bons dez meses (Machado, 2022, p.21).

Os objetos que são matéria do trabalho de Naziazeno são descritos como artificiais, objetos não simbolizados, que não impõem ao personagem sentido nem ambição, além de que parecem precisar serem compostos exclusivamente por números. Diferentemente das palavras, os números não estão abertos à composição, eles estão encerrados em si próprios, são instrumentos. Talvez os números operacionados por Naziazeno sejam não mais do que maquinizações do agora, sem antes nem depois, e sendo essa a matéria do dia a dia do personagem é possível perceber a forma da sua alienação, ele é um tipo de gerador de códigos, cujo raciocínio não possui lastro, rastro ou historicidade, de forma que ele se pulveriza no ambiente:

> Ele se dirige para a sua carteira. Na sala, pequena, trabalham mais dois: o primeiro escriturário e o datilógrafo. Ambos muito quietos. O primeiro escriturário confere contas. É um serviço que faz há muito tempo. Dispõe de grande prática. Faz cálculos, usa tinta encarnada, bate muitos carimbos. Depois, quando tem já um grupo de contas respeitável, ergue-se e repassa-as uma a uma (com todas as suas "primeiras", "segundas" e "terceiras vias") nos dedos — que ele a cada passo molha nos lábios com um certo ruído. O datilógrafo, quando não está "batendo", lê um livro, aberto dentro da gavetinha ao lado (Machado, 2022, p. 20).

Naziazeno trabalha com outros dois personagens em uma sala pequena e "ambos muito quietos". Chama a atenção a ausência de comunicação, a repetitividade ("bate muitos carimbos") amalgamada à longevidade da atividade ("É um serviço que faz há muito tempo"). Nesta citação está a voz do narrador, cuja postura é de relato e pouca interferência nos significados da matéria narrada, trata-se de um narrador que não sabe mais do que o personagem, e se sabe este saber está ao alcance do personagem. A partir disso parece coerente afirmar que, de fato, Naziazeno faz parte de uma classe alienada por/em seu trabalho.

> O que une, no espaço, é sua função de mercadoria ou de dado fundamental na produção de mercadorias. O espaço, portanto, reúne homens tão fetichizados quanto às mercadorias que eles vêm produzir nele. Mercadorias eles próprios, sua alienação faz de cada homem um outro homem. O espaço, como esse ponto de encontro de que fala Lefèbvre (1974, p. 121) é uma reunião de sombras ou, quando muito, um encontro de símbolos (Santos, 2021, p.34).

Como resultado dessa constante replicação se dá a alienação. O que talvez possa ser observado a partir da ótica em um dos momentos mais controversos de *Os Ratos ,* quando Naziazeno, finalmente com o dinheiro para quitar a dívida com o leiteiro, perde este dinheiro ao apostar em uma corrida de cavalos. Imerso em um espaço repleto de símbolos distanciados de seus significados, vivendo na corrente do presente momento, o personagem foi orientado a multiplicar rapidamente o seu dinheiro, possivelmente com dificuldades em estabelecer relações de causalidade, alienado quanto à relação do seu trabalho e o crédito que o dinheiro representa, tornou-se vítima de uma prática que foi orientado a escolher. Como no espaço comumente ocupado por ratos domesticados há sempre uma rodinha que os mantém em movimento sem que saiam do lugar, Naziazeno neste trecho demonstrou sua capacidade de retroalimentar um sistema que o mantém cotidianamente transitando entre o centro e a periferia de Porto Alegre, como um único espaço jamais transfigurado, com sentido, em seu lugar.

O argumento da alienação de Naziazeno como consequência da sua relação com o modo de vida na cidade é o mesmo de Bosi (2013), quando ao analisar este personagem afirma que *Os Ratos* retrata a "angústia do ser humano preso à condição urbana e sob o regime do terror, qualquer que seja o tempo histórico que lhe tenha sido dado viver." (Bosi, 2013, p. 414). Então, embora essa obra seja comumente classificada como uma obra de investigação psicológica dentro do romance de 30 (Candido, 1997, p. 30), para Bosi a situação de Naziazeno é atemporal, afinal, essa angústia (o terror) não diz respeito ao momento, mas ao espaço urbano, ou seja, o tipo de

relações que sucedem da atividade humana nas metrópoles. Para completar seu argumento, Bosi afirma que Machado "têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa." (Bosi, 2013, p. 414)

O escritório onde Naziazeno trabalha pode ser considerado um não lugar, um espaço que não se distingue de outros espaços, ou que se assemelha a um número tão elevado de outros lugares que acaba por não desenvolver propriedades, o que nos termos de Buttimer é um "lugar-sem-lugaridade" (Buttimer, 2015, p.15). Ou seja, esse espaço profissional de Naziazeno é descaracterizado porque é formado por homens que se descaracterizam quando estão ali, aglomerados, cuja função é a replicação de raciocínios e fórmulas para a composição sistemática de alguns objetos (faturas, contas, cadernetas). Aparentemente não há mudança no ambiente, o resultado do trabalho desses homens não é visto, de onde é possível afirmar que o tempo não se aplica a esse espaço, porque nele não há marcas a ponto de estabelecer-se ali qualquer aspecto de cultura. Enfim, o espaço de trabalho de Naziazeno não compõe um lugar. Não há subjetividade nem comunicação, mas principalmente (percebemos pela lente do narrador) que não há reconhecimento. Então, o percurso de Naziazeno no tempo que passa no seu espaço de trabalho, ao contrário da composição de si mesmo, é o de esvaziamento de si mesmo, a sua subjetividade vai sendo obliterada, suas ideias não se ordenam de forma que das suas impressões de mundo nunca se vê como sujeito, ele confunde-se com aquele espaço, invadidos, ambos (ele e o espaço), por propósitos enigmáticos.

Em *Vidas Secas,* sob uma perspectiva individual,Fabiano e a família vivem em uma fazenda que, embora não lhes pertença legalmente, lhes proporciona a subsistência. Nessa fazenda trabalham, performam suas vidas, desenvolvem desejos, espelham-se uns nos outros, passam a maior parte de seu tempo juntos, comunicam-se, especialmente (ao que nos revela o narrador) pela linguagem não verbal, reconhecem gestos, adotam um animal, criam outros, observam outros, ou seja, humanizam-se conforme seu ambiente, portanto, constituem uma cultura, daí se diz que eles têm na fazenda uma ideia de centralidade e horizonte de interesses: um lar.

> Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na caatinga, moitas ou capões de mato, impenetráveis bancos de macambira - e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos (Ramos, p.31).

Diferentemente de *Os Ratos ,* na obra de Graciliano Ramos o narrador interfere constantemente na narrativa, o trecho acima representa a ótica exclusiva do narrador sobre a vida dos personagens da obra naquele espaço onde vivem. Porém, conforme argumentado acima, é possível observar na matéria narrada, na diegese da obra, um tipo de relação cultural dos personagens com a fazenda, percebe-se um sentido de lugar neste espaço para eles. Tanto o é que conforme a fazenda deixa de lhes oferecer a subsistência e paulatinamente degrada sua energia, seu tempo torna-se voltado cada vez mais ao básico da vida, o sentido de Cultura como subjetividade perde posição para um sentido de cultura voltado à subsistência, assim deixam de desejar o mesmo de antes, seu lugar retrocede ao patamar de espaço, seu lar começa a ser percebido mais como uma casa. Ainda, a seca ou as chuvas, como reguladoras da escassez ou da abundância, podem ser ditas então, como a régua que define lugares ou espaços, casas ou lares. Se

chove é possível colher e desta colheita produzir mais do que o básico, para além da estrutura básica da casa produzir também algo da beleza interna dela. Exemplo disso é o desejo que a mulher de Fabiano nutre de ter uma cama

> Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual a de Seu Tomas da Bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau (Ramos, p. 10).

Sinhá Vitória desejava uma cama, o que é um desejo de ter Cultura. O simples fato de desejar já é o princípio de tornar o espaço em lugar, uma vez que o desejo é o protótipo da ambição e do planejamento, processos humanos. Esta cama é também para Sinhá Vitória o símbolo da centralidade de lugar, com a cama estabelecida o seu sono teria lugar marcado e sua vida não seria mais a vida fluida pelo espaço como a dos animais, a cama a colocaria no patamar da vida de Seu Tomás da Bolandeira, este homem com nome, que ela admirava. A partir do momento em que Sinhá Vitória tivesse uma cama o horizonte seria um horizonte de alcance de onde se retornaria ao lar, e não o próprio lar.

Esta leitura de *Vidas Secas*,a partir das concepções de espaço e lugar desenvolvido por Buttimer no referido artigo que baliza este trabalho, permite interpretar um dos principais conflitos do enredo, que é a dissonância entre Fabiano e Sinhá Vitória. A sua linguagem é rudimentar, de tal modo que o mal-estar estabelecido entre eles não é mais do que uma sugestão, porém, da contradição entre o desejo de Sinhá Vitória e a resignação de Fabiano, entende-se a natureza do conflito. Se ela quer Cultura, para ele a cultura é suficiente. Se ela quer um lugar, para ele espaço é suficiente. Se ela quer uma centralidade e um horizonte de alcance, para ele o horizonte é suficiente. Se ela tem a ambição humanizadora, ele mede-se conforme os animais.

A tensão da obra cresce conforme o tempo passa e a chuva não vem, a seca se estabelece devagar. O tempo da obra é um ciclo da natureza, o tempo entre uma seca extrema e a outra, portanto a obra é posta entre uma situação de alívio e uma seguinte e crescente tensão. Sobretudo, de um prisma estético, essa ciclicidade da natureza se atrela ao próprio modo de vida da classe que os personagens da obra representam, conforme atesta Candido:

> *Vidas Secas* começa por uma fuga e acaba com outra. Decorre entre duas situações idênticas, de tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio. Daí a sua psicologia rudimentar de forçado. Como está n'Os Sertões: "O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico" (Candido, 1992, p. 47-48)

Falar sobre a seca significa falar sobre as vidas, se na terra não houver o que se cultivar, ali não será possível se culturalizar, tampouco existir. Mesmo com as interferências do narrador, percebemos uma família que se movimenta ou se paralisa, comunica ou silencia, deseja ou recalca, conforme lhe é abundante ou lhe falta. O espectro da morte, em um sentido amplo, aproxima-se conforme a terra seca.

Quanto à classe a que pertencem os personagens de *Vidas Secas,* por serem trabalhadores rurais, não trata-se de pessoas alienadas do seu trabalho. Aliás, nisto, a obra parece oposta a *Os Ratos* , já que se na obra de Dyonélio Machado parte fundamental do drama está no fato de Naziazeno estar distante dos elementos da natureza ao ponto de imergir numa alienação, na obra de Graciliano Ramos é o exato oposto: o drama se dá pelos personagens da obra serem tão próximos aos elementos da natureza ao ponto de se confundirem com estes. Se naquela obra falta

dinheiro para pagar o leite que mantém as relações sociais, nesta obra se falta o leite, não se conseguirá dinheiro nenhum e as relações sociais se degradarão. Se Naziazeno sofre porque precisa repetir operações matemáticas ao eterno, Fabiano sofre porque não sabe fazer contas. Ou seja, quanto à classe, Fabiano e sua família pertencem ao mundo rural, enquanto Naziazeno pertence ao mundo urbano.

Mesmo que O personagem de *Os Ratos* freqüente os altos dos prédios do centro de Porto Alegre, trata-se apenas de espaços para ele, e assim como os personagens de *Vidas Secas* seu lugar, seu lar, está horizontalmente distante dos centros sociais da riqueza, por isso todos são pobres.

A respeito do processo de urbanização, no início do seu texto Buttimer afirma que:

> As tarefas domésticas da vida citadina – residencial, cerimonial, governamental e religiosa – cederam para a crescente importância das funções para "construção de impérios", por exemplo comércio, finanças e indústria. No agitado entusiasmo pelo início da industrialização era muito mais importante expandir os horizontes de acesso aos mercados e ao mercado consumidor do que procurar seriamente fazer da cidade um lar. (Buttimer, 2015, p.5. Grifo meu)

Este é um trecho introdutório do texto da autora que baliza esta análise, e nele percebe-se o seu princípio teórico de que o desenvolvimento das cidades se dá em um sentido hostil ao Homem. Buttimer constrói esta sua tese diferenciando espaço e lugar, ela aponta como a atividade humana transforma espaços em lugares e vice-versa. A partir dessa conceitualização pontual da autora percebeu-se a possibilidade de revisitar *Os Ratos* e *Vidas Secas*, duas obras clássicas da literatura de ficção brasileira e que têm o seu espaço como destaque especial no enredo, e pensar as suas tramas, o desenvolvimento dos seus personagens e seus conflitos, a partir das perspectivas de espaço e lugar.

3 Considerações Finais

Deste modo, percebeu-se que talvez *Vidas Secas* seja sobre a força, a capacidade de seguir em frente, afinal, mesmo quando não há nada além do chão, aquele espaço ainda é um lugar para Fabiano, ele não quer sair, e quando sai insiste em olhar pra trás. Se a teoria em torno de *Vidas Secas* insiste que há uma humanização neste personagem, aqui percebe-se que ela está na sua capacidade de enxergar um lugar naquele chão, ele não quer se render à degradação, neste caso, sua força reside no desejo de seguir em frente com a vida que é aquilo ali. Mas eles vão, retiram-se, porque Sinhá Vitória tem a capacidade de projetar a existência em novos espaços, ela tem a força de compor novos lugares, é a força de quem tem os horizontes do desconhecido para si. Entre estas duas perspectivas de coragem, vontade de viver, eles partem, prevalece o ímpeto de Sinhá Vitória, afinal, como fica evidente ao longo de toda a obra, Fabiano a admira e reconhece sua grande inteligência.

Os Ratos, por outro lado, talvez seja, principalmente, sobre a degradação do horizonte e uma incapacidade de planejar mais do que o imediato. O tempo do protagonista está comprometido de tal maneira que não lhe restam energias para transfigurar seus espaços em lugar. O tempo, enquanto deveria ser um método da culturalização do homem, método para o homem se reconhecer em relação ao mundo e fazer do mundo um pouco de si, em *Os Ratos* é instrumento de opressão. Então, talvez essa obra seja sobre a paralisia dominante que o tempo impõe a certas classes. O que parece ainda mais certo concluir, levando-se em consideração os conceitos de espaço, lugar e horizonte de alcance de Buttimer, é que Naziazeno imprime no leitor um tipo de sabor do subdesenvolvimento crônico, um subdesenvolvimento que amplifica-se do Estado à composição do gênero de vida dos indivíduos: a

exploração ampla e sistemática dos recursos naturais de certo lugar levam a tipos de produção e trabalho sem relação com as necessidades reais dos trabalhadores, o que em última análise é o que condiciona Naziazeno ao seu empobrecimento material e pessoal, percebidos tanto pelas suas condições de moradia, saúde e educação, quanto pela sua inabilidade de agir quando por fim alcança seu objetivo: ao conseguir o dinheiro para saldar sua dívida com o leiteiro, o herói de os *Os Ratos* pulveriza sua glória na corrida de cavalos. Se o indivíduo é a soma das suas características mais o seu ambiente, Naziazeno é orientado a ser um pouco vítima de si mesmo.

Contribuições das pessoas autoras (CRediT): Todas as etapas do trabalho foram realizadas pela única pessoa autora do artigo, incluindo concepção, metodologia, coleta/produção de dados, análise dos dados, escrita da primeira versão, revisão e edição da versão final do manuscrito.

Disponibilidade de dados:os dados que subsidiam os resultados deste estudo estão disponíveis no próprio artigo.

Financiamento: esta pesquisa não recebeu financiamento externo

Declaração do uso de inteligência artificial:o autor declara não ter utilizado ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa da elaboração do manuscrito ou da realização da pesquisa.

Conflito de interesses: o autor deste texto declara não haver qualquer tipo de conflito de interesses.

Referências

BUTTIMER, Anne. Lar, Horizontes de Alcance e o Sentido de Lugar; Tradução do texto "Home, Reach, and the sense of place" Publicado na coletânea The Human Experience of Space and Place (Nova York: St. Martin's Press, 1980. p.166 - 187) Traduzido por Letícia Pádua. In Geograficidade / V. 5 N.1 Verão 2015.

BOSI, Alfredo. "Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30". São Paulo: Revista Teresa (USP), v. 16, p. 15-19, 2015.

CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. Companhia das Letras, 1990. 1ª Ed. [Le cittá invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. 1992. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira: História e Antologia. Vol. II: Modernismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

EAGLETON, Terry. A Ideia de Cultura, 2011. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp.

FERNANDES, Florestan. Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LUKÁCS, György. Velha e Nova Cultura. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/misc/velhaenovacultura.ht m. Acesso em: 08 out. 2024.

MACHADO, Dyonélio. Os Ratos. 2022. 1ª edição. Editora: Todavia.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 2019, 159ª edição. Editora: Record.

RUFFATO, Luis. Eles eram muitos cavalos (2013) Editora: Companhia das Letras - Edição Econômica; Edição de bolso

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. 2021, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SILVA, R. R. da; ESTEVES, R. J. Z.; SILVA, K. A. F. A expansão urbana das principais metrópoles brasileiras de 2000 a 2020. Cuadernos de Educación y Desarrollo , [S. l.], v. 16, n. 4, p. e4074, 2024. https://doi.org/10.55905/cuadv16n4-159

SORRE, Maximilien, 1880-1962. Max. Sorre: geografia / organizador [da coletânea] Januário Francisco Megale; [tradução Januário F. Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques]. – São Paulo: Ática, 1984.

SOBRE A AUTORIA

Diego da Cruz

Doutor em Letras pela UFPR, mestre em Letras pela UTFPR e graduado em Letras Português – Inglês também pela UTFPR. Pesquisa questões referentes à literatura e a cultura brasileira. Possui experiência no ensino de línguas estrangeiras, assim como no ensino de português para falantes de outras línguas e ensino de literatura no ensino superior. Atualmente é docente temporário na SEED-PR.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3916-8970

E-mail: diegodacruz1988@gmail.com